

Empresário sugere negociação imediata da dívida externa

O presidente da Bayer, Rolf Loechner, acredita que com esta medida pode-se evitar uma crise de abastecimento por falta de matérias-primas.

O Brasil precisa de uma negociação imediata com os credores internacionais, para abrir a possibilidade de rolar a dívida de curto e médio prazos e recomeçar os financiamentos à importação e à exportação, recomendou o presidente da Bayer do Brasil, Rolf Loechner, em entrevista ao *Jornal da Tarde*, para evitar uma crise de abastecimento por falta de matérias-primas.

Loechner, que também preside a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha em São Paulo, manifesta preocupação com as incertezas econômicas, derivadas da ausência de uma política clara do governo. Mas nem por isso sua empresa reduziu o programa de investimentos de US\$ 35 milhões em 1987, contra US\$ 20 milhões em 1986.

— Hoje, as pessoas estão na expectativa de uma economia de mercado, de uma reindexação. Nosso ideal é a maior liberdade possível. Não há quem possa dominar uma economia por regras. A regulamentação melhor se dá entre a procura e a oferta.

A Bayer — como a indústria química em geral — depende de importações, que atingiram US\$ 70 milhões em 1986, mas estão limitadas pela Cacex, este ano, em US\$ 32 milhões. “Em 1986 — lembra seu presidente — vendemos tudo o que foi fabricado, e estamos sem estoques. Esse vai ser um de nossos maiores estrangulamentos, mas eu não vejo solução a curto prazo sobre o dinheiro novo ou reescalonamento da dívida.”

O objetivo da Bayer é atender o mercado interno, mas em 1986 elevou de US\$ 10 milhões suas exportações, que foram de US\$ 35 milhões. Esse esforço, porém, talvez não seja suficiente para permitir a importação em 1987 das matérias-primas intermediárias essenciais à produção, como o enxofre e outros produtos orgânicos. Sem um acordo com a Cacex, admite seu presidente, a empresa produzirá 30% a menos do que no ano passado, quantitativamente. Será precário o suprimento de remédios, produtos para a agricultura, a indústria automobilística, a vida doméstica (como Baygon). Além disso, será insuficiente a oferta de matérias-primas para a indústria têxtil, como anilinas, e para o acabamento de produtos de couro. “Há grandes dificuldades em áreas como a de antibióticos, remédios contra pressão alta. Temos feito um grande esforço para suprir os mais necessários.”

Recessão

Loechner trabalha com a hipótese de um desaquecimento da economia este ano, que poderá deter-

riorar o cash-flow (fluxo de caixa) da empresa, a ponto de prejudicar os investimentos, realizados com recursos gerados no Brasil. Mas por enquanto a demanda continua forte. “Há falta de estoques nas farmácias”, observa.

Com faturamento global (inclusive vendas comissionadas) de Cz\$ 7 bilhões em 1986, a Bayer do Brasil tem um patrimônio líquido de US\$ 450 milhões. E continua pensando no Brasil como excelente mercado a longo prazo. “O mercado brasileiro é enorme e crescente”, recorda.

— No mundo ocidental, as economias que mais se desenvolvem são as que têm menos interferência do Estado. Consideramo-nos brasileiros. Lutamos para permanecer no Brasil. Os investimentos que realizamos para o futuro mostram que a casa matriz é convencida de que a empresa deve estar presente no mercado brasileiro — afirma.

O presidente da Bayer esteve há três semanas na Alemanha. Na matriz, foi indagado sobre os planos do governo brasileiro para discutir e negociar as ligações com os bancos. “Estamos preocupados com isso, mas nossos investimentos são de longo prazo. Os altos e baixos são normais para quem opera há mais de 90 anos no Brasil.”

Loechner esclarece que embora tenha ocorrido saída líquida de capitais em 1985 e 1986, isto decorre do fato de que o capital de risco veio mais no passado. “Via capitalização de lucros e remessa de pequenos dividendos, não usou a possibilidade de remeter 12% do capital registrado. Mas nos últimos dois anos, com a maior capitalização das empresas, pudemos pagar melhor o acionista externo, num período em que não havia ingresso de recursos novos. Mas não há fuga de capital. As grandes empresas não estão saindo.”

De qualquer forma, adverte, o acionista quer saber agora como vão ser as regras do jogo daqui para a frente. Quer saber se pode trabalhar numa economia livre ou viver um novo congelamento ou discriminações contra seu capital. “Essa definição do governo é importante”.

— Defendemos nossa condição de continuar investindo. Mas é extremamente necessário que o governo indique como vai conduzir a economia. Estou confiante em que o governo vai achar um caminho aceitável para todos. A poupança brasileira não é suficiente. O capital estrangeiro quer investir, melhorar o padrão de vida, o interesse é bilateral.

O presidente da Bayer encontrou preocupação nos banqueiros, ressaltando que o problema maior

está com os norte-americanos. E propôs que o Brasil defina-se. “Não gosto dos pacotes, do direcionamento, do congelamento. Fui a favor do Plano Cruzado para tirar a

mentalidade inflacionária dos brasileiros. Mas faltou a correção das distorções”.

Qual o custo para atender à burocracia? “Não sei calcular o cus-

to”, respondeu Loechner. “Na Alemanha, é menor. Mas há custos piores — o de matérias-primas, o financeiro, depois o de mão-de-obra. Esse, entretanto, é um grande pro-

blema para pequenas e médias empresas que queiram fazer novos investimentos. Para nós, o pior são as mudanças constantes nas regras do jogo”.

F.P.J.